



## POR UMA PSICOLOGIA POLÍTICA DECOLONIAL: NOTAS SOBRE INQUIETAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Iago Marafina de Oliveira<sup>1</sup>; Míriam Cristiane Alves<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [iagomarafinadeoliveira@gmail.com](mailto:iagomarafinadeoliveira@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [oba.olorioba@gmail.com](mailto:oba.olorioba@gmail.com)

### 1. APRESENTAÇÃO

O presente texto é uma apresentação de alguns movimentos dialéticos de estranhamento-afetação-mobilização que potencializam ações e práxis outras em meio acadêmico e profissional. O encontro com o Núcleo de Estudos e Pesquisas É·LÉÉKO: Uma Psicologia Política Decolonial foi fundamental para que este processo pudesse propiciar uma entrada de saídas múltiplas, como diria BENEVIDES (2013).

É interessante como nossos olhos, ouvidos, nossa boca, e corpo se acostumam e se alienam a certos modos de ver/ouvir/pensar/sentir. São raras as oportunidades em que somos privilegiados o suficiente para podermos experimentar a vida para além dos velhos ângulos e aspectos aos quais fomos forjados e produzidos por condições histórico-sociais. Em uma paisagem com Janelas da Alma, BARROS (1996, p. 75) nos diz que é preciso “tranver o mundo” através da imaginação, ou seja, não mais se conformar com a visão já oferecida por nossas lentes e olhos, mas sim “dilatam suas possibilidades, confrontam a rigidez do músculo ocular, esgarçar a abertura enrijecida que seleciona luzes, ângulos, dimensões, aspectos” (ZANELLA, 2013, p. 56).

Transver nunca é tarefa fácil, pois a desnaturalização de certos projetos de mundo<sup>1</sup> causa incômodo, estranheza e afetações de naturezas diversas, mas também é alento. Trans é um prefixo latino que, segundo ZANELLA (2013, p. 39), indica movimentos “para além de e através de”. É, portanto, no campo da transvisão que habitam práxis e teorias éticas, estéticas e políticas como a decolonialidade. Decolonizar é, então, um movimento de transver o mundo de maneira ética, estética e política certamente. É ética, pois é uma perspectiva de mundo comprometida socialmente contra a violência colonial de raça, gênero e sexualidade que desde a Modernidade tenta degradar a vida e a cultura de povos e populações consideradas subalternas e/ou minorias. É estética, porque se funda nas relações que foram e são estabelecidas com sensibilidade. Também é política, pois é engajada na luta e militância por maneiras dignas de vida para todos(as) latino americanos(as) e caribenhos(as), fazendo um exercício permanente de crítica.

A lógica colonial atualizada na contemporaneidade pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2007), do saber (CASTRO-GÓMEZ, 2007) e do ser (MALDONADO-TORRES, 2007) se entretetece nas subjetividades de modo que, na atualidade, passamos a vivenciar um Estado em crise política, com um crescente cerceamento da democracia frente às manifestações reacionárias e

---

<sup>1</sup> Segundo GROSGOUEL (2005), um conhecido decolonialista, vivemos em sistema-mundo europeu/euro-norte-americano capitalista/patriarcal moderno/colonial. Desta maneira, América Latina e Caribe sofreram e sofrem exclusões provocadas pelas hierarquias étnicas/raciais, de gênero/sexualidade, espirituais e epistêmicas impostas pela Modernidade.



conservadoras de ódio. Deste modo, a construção de uma Psicologia Política Decolonial se faz um desafio e uma luta a serem enfrentadas para defendermos uma prática psi que fomente mobilizações coletivas em prol de uma sociedade mais democrática, equânime, que respeite e valorize a diversidade humana.

## 2. DESENVOLVIMENTO

A partir da contextualização já realizada, este trabalho surgiu na coleção de inquietações epistemológicas junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas É'LÉÉKO: Uma Psicologia Política Decolonial. O grupo se reúne semanalmente para reflexões e (re)visitas a textos (pós)(des)(de)coloniais, onde se prioriza por um espaço de discussão para o grupo relatar experiências e transver horizontes no enfrentamento à violência-colonial de raça, gênero e sexualidade.

Grupos gerenciados desta forma fomentam a existência de alunos e professores expect-atores em vez de espectadores, como nos diz ZANELLA (2013). Esta distinção é feita pela autora justamente para demarcar condição ativa do expect-ator(a) e aluno(a), porque o lugar que se assume não é o de quem somente assiste a algo que lhe é comunicado, mas que o (re)inventa e o (re)comunica continuamente. Além disso, as temáticas são constantemente trazidas para a realidade do(a) psicológico(a) e sua prática profissional para que, a partir de seu saber-poder, ele/ela não reproduza antigos e ainda vigentes discursos de colonização e colonialidade do outro.

## 3. RESULTADOS

A lógica moderno/colonial também se instaura com auxílio de 'Um' projeto de ciência desde a filosofia pitagórica até Descartes, por exemplo. A conquista de um status de 'verdadeiro saber' pela ciência a fez se distanciar cada vez mais do corpo social. Esta é a ciência que se separou da vida ao desejar na distância uma neutralidade inalcançável que fundamenta seus parâmetros, preceitos e a delimita como campo das verdades, categorizações e normatizações (ZANELLA, 2013).

Este processo é diretamente relacionado a colonialidade. QUIJANO (2007) cunha a colonialidade do poder, CASTRO-GÓMEZ (2007) a do saber e MALDONADO-TORRES (2007) a do ser. Cada um situa a colonialidade sob diferentes aspectos, sendo uma de suas intersecções a que compreende colonialidade como elemento constitutivo do capitalismo. A colonialidade é, então, mais profunda e duradoura que o colonialismo, pois ela se entretetece na América Latina ao operar em diferentes níveis e na perspectiva da subalternização do outro.

Hoje os ecos e as vozes sociais e subalternas que gritaram por tanto tempo se parecem mais audíveis. A vida e obra de Aimé Césaire (1950-2008) e Franz Fanon (1952-1961), segundo ORELLANO (2015), são gritos libertários do nascimento de um sujeito histórico que cansou de ser excluído e destituído de direitos. Outros autores também fomentaram um contexto de descolonização, como Quijano (1928), Dussel (1934), Mingnolo (1941), assim como a imensa contribuição da brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994).



No campo da psicologia social crítica, há grande participação de Maritza Montero, Martín Baró, Miguel Salazar e outros. Estes são autores que, na perspectiva de ORELLANO (2015), implicaram em uma nova ontologia e epistemologia que deixaram para trás modelos reducionistas-dicotômicos da então psicologia tradicional/hegemônica. Em linhas gerais, são epistemologias e ontologias outras que fomentam novas práxis psi de atenção e cuidado ao outro.

Conforme ORELLANO (2015, p. 5) “La psicología política de la liberación promueve que las ciencias sociales asuman el compromiso con los sectores oprimidos”. Neste sentido, o Núcleo de Estudos e Pesquisa É’LÉÉKO organizou a sua I Jornada a acontecer nos dias 17 e 18 de outubro, aberta a todos e todas interessados(as) em participar. A temática proposta, “Enfrentamento à Violência Racial, de Gênero e Sexualidade em Diálogo com o CRPRS”, vai ao encontro do que já foi exposto brevemente aqui, sendo este um importante espaço para debate e mobilização na atual conjuntura do país.

#### 4. AVALIAÇÃO

O que se propõe a partir da existência de um núcleo de estudos e pesquisas relacionado à psicologia e à decolonialidade também é transver o mundo. É a transvisão de um sistema-mundo europeu/euro-norteamericano capitalista/patriarcal moderno/colonial (GROSFOGUEL, 2005). É construir outra epistemologia que possibilite lógicas-outras de atuação profissional não só para os(as) psicólogos(as) como para variadas áreas do saber que por ela se interessarem. Isto nos instrumentaliza para que, fundamentalmente, possamos construir relações decolonizadas com o outro, a vida e o mundo ao redor.

Acabar com as relações de opressão e transver práxis reverbera diretamente em assumir um compromisso com a humanização e com o diálogo (ORELLANO, 2015). Em nível acadêmico e formativo, por exemplo, é preciso (re)pensar não só os PPCs (Projetos Político-Pedagógicos) dos cursos de graduação, mas também a própria Universidade.

Para CASTRO-GOMEZ (2007), é lutando contra a babelização e a departamentalização do conhecimento que podemos começar a decolonizar a universidade, pois estes aspectos são aliados da lógica mercantil na atual forma de ciência e capitalismo cognitivo. É importante ressaltar que esta responsabilidade não é de forma alguma privada, ela é coletiva, e pode ser feita a partir da nossa própria produção científica, clássicos da literatura, autores locais e, sobretudo, representando nossas próprias culturas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.
- BENEVIDES, Regina. **Afirmção de Um Simulacro**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.), **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad



- Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em:  
<http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.), **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em:  
<http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>
- ORELLANO, C.M.; GONZÁLEZ, S.G. Acerca de la opción decolonial en el ámbito de la psicología. **Perspectivas en Psicología: Revista de Psicología y Ciencias Afines**. Mar del Plata, v. 12, n. 2, pp. 1-8, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.), **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em:  
<http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>
- ZANELLA, Andréia. **Perguntar, registrar, escrever**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.